



TRANSgressão política: a força das candidaturas transexuais nas eleições municipais de 2020.

Nicole Tassar e Thiago Moreira

Assistimos no último dia 15 de novembro uma ascensão política significativa da comunidade T nas eleições municipais brasileiras, comunidade que, na sigla oficial LGBTQI+, representa pessoas transexuais e travestis. Segundo a ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil¹, foram contabilizadas duzentas e noventa e três candidaturas de pessoas trans nas eleições de 2020, um número histórico, sendo duzentas e sessenta e duas candidaturas de mulheres trans ou travestis, dezenove de homens trans e doze de pessoas que se identificam como não-binárias.

De todas estas, vinte e sete foram democraticamente eleitas. Número nunca antes alcançado na história do país e que representa 200% a mais se comparado aos números das eleições de 2016. O recorde dessas representações políticas nos coloca diante da oportunidade de presenciar um capítulo importante da história da luta pelos direitos das pessoas trans, mas também desperta o sentimento de contradição, já que o próprio sistema define que os recordes ligados a essas pessoas no Brasil sejam infelizmente cruéis e desumanos. No mesmo ano em que o número de rostos transexuais impressos nas urnas por todo o Brasil cresceu, também houve um aumento de 47% nos assassinatos dessas pessoas em relação ao mesmo período de 2019. Foram, até aqui, cento e cinquenta e uma mulheres e travestis mortas pelo sistema que insiste em tentar negar as identidades de toda uma população.

O paralelo entre os dois recordes mostra que várias mulheres trans não puderam ser combatidas pelo sistema, o que tornou-as portanto, combativas. A importância da ocupação de espaços políticos institucionais pela população trans é uma luta por sobrevivência e reconhecimento de dignidade. Por mais progressista e aliado à causa que fosse qualquer representante político cisgênero, este jamais seria capaz de entender

¹ Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/11/16/candidaturas-trans-eleitas-em-2020/>



as subjetividades de ser transexual em um país historicamente transfóbico e que ocupa, ainda hoje, o primeiro lugar nos assassinatos de transgêneros no mundo.

Por isso o papel de pessoas cis, protagonistas no processo comunicacional, precisa ser de amplificar essas vozes que ecoam em toda parte. É obrigação da grande mídia e dos produtores do bom jornalismo trazer para suas pautas conquistas como esta, de uma população que se mostra cansada por aparecer nas manchetes apenas como estatística. Os nomes das candidatas e candidatos eleitos de norte a sul do país precisam ser conhecidos, com destaque para a primeira categoria, já que entre as vinte e sete candidaturas eleitas, apenas uma foi de um homem trans. Eleito vereador de São Paulo entre os vinte mais votados, Thammy Miranda teve 40 mil votos e representa o primeiro homem trans eleito para um cargo público no país.

Essa discrepância nos números não é representada apenas no momento da eleição, ao mesmo tempo em que mais mulheres trans chegaram ao poder dos cargos públicos, elas também são a maioria nos números referentes à violência. No ano de 2020, 100% dos casos de generocídio – termo que define o assassinato de pessoas apenas pelo seu gênero – foram contra mulheres trans e travestis, em sua maioria, negras. São um grito de resistência os resultados nas urnas, quando 35% das eleitas são mulheres negras e sete candidatas foram as mais votadas em suas cidades, sendo elas: Linda Brasil (Aracaju - SE), Dandara (Patrocínio Paulista - SP), Tieta Melo (São Joaquim da Barra - SP), Lorim de Valéria (Pontal - SP), Duda Salabert (Belo Horizonte - MG), Titia Chiba (Pompeu - MG) e Paultete Blue (Bom Repouso - MG).

Outro destaque importante a ser pontuado é a candidatura de Érika Hilton, a candidata travesti e negra de São Paulo que alcançou várias marcas importantes, contrariando as estatísticas e sendo eleita como a mulher mais votada da maior cidade da América Latina. Além disso, Érika foi também a mulher negra mais votada na história de São Paulo e a mulher mais bem votada do PSOL em todo o Brasil.

“Sigamos firmes, sigamos resistentes, sigamos resilientes. Estamos dando apenas um start no que será uma longa, bela e produtiva caminhada, não seremos interrompidas, não nos intimidaremos e faremos história não só na câmara municipal de São Paulo, faremos história no mundo, porque nossas vozes vão ecoar. [...] Este não é um mandato de gabinete, é um mandato do povo. Se preparem, as travestis, as negras,



as pobres voltaram com força e para fazer revolução!” disse Érika no discurso da vitória em sua rede social.

Que seja assim o primeiro passo para uma grande revolução agregadora, em que este e outros grupos minoritários façam parte da estruturação de uma nova noção de sociedade, respeitando suas especificidades, potencialidades e principalmente necessidades. Que seja o princípio de uma real TRANSformação na política desse país.